3 1761 06184570 7

(2)

Z 7921

O MONGE E O CONVERTIDO.

O MONGE

E

O CONVERTIDO,

OU

AS VINTE E QUATRO HORAS,

POEMA

DE

H. E. A. C.

PORTO:
NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n.os 28 a 30.
1857.

AO IMMORTAL

FRANCISCO AUGUSTO,

VISCONDE

DE CHATEAUBRIAND:

Em publico testemunho de respeito ás suas virtudes e á sua sabedoria,

O. D. C.

HENRIQUE ERNESTO D'ALMEIDA COUTINHO.

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

PREFACIO.

Teria eu seis para sette annos de idade, quando á porta de minha casa pararam dous cegos, um dos quaes acompanhava na sua rebeca estas coplas que ambos cantavam:

No reino de França
Vai muito que vêr;
É tudo mudança,
E sangue a correr.

Oh Ceos! que alarido!
Oh que confusão!
Tudo vai perdido,
E geme a Razão.

Achava-se então em todo o seu desastroso vigor a mui celebre revolução de França; e o progresso de seus tragicos acontecimentos, quotidiano assumpto das conversações d'aquelle tempo, se fazia escutar a meus tenros ouvidos em tristissimas alvoradas.

A poder de ouvir fallar de revolução, perguntei eu um dia a meu tio, bom e velho portuguez, o que

era uma revolução. Elle, apontando-me para certa mesa em que pousava um taboleiro de gamão, me disse assim: « Vês tu, meu menino, aquella mesa? « pois se algum estouvado se lembrasse de a pôr com « os pés para o ar, emborcando o taboleiro e espa- « lhando pelo chão as tabolas, faria esse uma verda- « deira revolução. » Estas palavras me ficaram impressas na memoria até o dia de hoje, em que melhor as sei pesar, e apreciar-lhes o judicioso chiste. — E quantas e quantas occasiões não tenho eu tido de exclamar cá do intimo da minha convicção: Bem dizia meu tio!

Com effeito são as revoluções tam calamitosas para os Estados, que mui benemerito da patria é o que governa, se lhe coube suffocá-las a tempo, ou antes preveni-las, por meio de uma administração tam prudente e bem equilibrada, como energica e vigorosa. No apuro em que se acham as cousas, cumpre que a sabedoria em pessoa empregue os ultimos esforços para livrar os povos de si mesmos.

Ao fallar de revoluções ou mudanças politicas, acodem naturalmente á lembrança os ultimos successos de Portugal, e entre estes a abolição das corporações religiosas. Não é no prefacio d'um poema que conviria expender as causas e os effeitos da mortal antipathia em que estão as revoluções com os cenobios, nem averiguar se a conservação de taes corporações, mediando acertada reforma, seria de maior

proveito para os Estados, que a sua inteira abolição. Bastante se disse já na materia; e se mais ha para dizer, o tomem por tarefa outras pennas de melhor aparo que a minha. Mas não seria esse um trabalho inutil? O silencio é muito mais facil, e tem aqui bom cabimento; por quanto ha cousas em que o presente só de per si, e até sem recorrer ao dom da palavra, vai tecendo o mais pomposo elogio do passado. Não é na effervescencia das paixões, mas no remanso d'ellas que o homem é susceptivel de raciocinio, assim como de comprehender que *reformar* e *destruir* não são palavras synonymas.

D'um d'esses monges appellidados *egressos*, e d'um libertino arrependido fiz eu os heroes do meu poema; e deixando repousar os Gregos, os Romanos, e a idade media com todo o *quixotismo* de suas cavallarias, procurei no seculo actual e no patrio solo os cabedaes para o tecido de minha obra, bem persuadido de que a inexhaurivel Natureza offerece em todos os tempos e em todos os paizes ao pintor e ao poeta primorosissimos quadros; está o ponto em bem os sentir, para dignamente os copiar.

Mantidas em sua pureza e esplendor as augustas verdades que reconhece o Christianismo, satisfiz na invenção do poema ao sabido preceito do illustre Venusino:

Aut famam sequere, aut sibi convenientia finge,
Scriptor.....

Sendo todavia tam recente a materia, e as opiniões tam diversas como as physionomias, grande receio tenho eu de que alguns achem alli demasiada verdade, e outros ficção de sobejo; mas com franqueza lhes declaro a uns e a outros, que não foi meu intento desgostar a nenhum, e que se alguma cousa busquei deprimir, foi certamente aquella especie de fanatismo que, sob a denominação de *esturro*, anda já em descredito: e razão é que appareça com toda a sua deformidade esse fatal escolho onde se esbarram todos os partidos, quando o pharol do bom siso lhes não allumia.

Resignada submissão aos decretos da Providencia, acatamento á Religião de nossos paes, devoção sincera, caridade fraternal, perdão das injurias, amizade em acção, horror á impiedade e á libertinagem, taes são os alicerces em que forcejei por assentar este meu edificiosinho poetico. Não fallarei do estylo nem do metro; e se n'isto, assim como no demais, haverá lugar para elogio ou reprehensão, lá o queiram decidir imparciaes litteratos: não lhes peço que me desculpem os defeitos, mas que me ajudem a corrigi-los.

O MONGE E O CONVERTIDO,

OU

AS VINTE E QUATRO HORAS.

CANTO PRIMEIRO.

Cor contritum et humiliatum Deus non despicies.
PSALMO 50, verso 19.

Sob o dominio atroz do brusco Inverno (1),
Eram nudez os prados, ruina os bosques,
E toda espolio infausto a natureza.
Já soltos sibilando em furia os ventos,
Agglomeravam torreões medonhos
De negras nuvens, e se ouvia a espaços
Rouco trovão roncar inda remoto.
Fendendo a nevoa co'as sonoras azas,

(1) Era o de 1833 para o de 1834, e o primeiro depois de levantado o assedio do Porto.

Demandavam em terra o noto asylo
As maritimas aves pressurosas.
Ceo e mar confundidos ameaçavam
Estrepitoso temporal violento.
Toda d'horror cingida a noite longa
Pende quasi cahindo, e amotinadas
Vem as ondas fervendo, umas sobre outras,
O rochedo açoutar da Boa-Nova (1),
Onde sentado meditava o Monge,
Sem lar, sem pão, em desamparo extremo.

Ei-lo que se levanta, e em voz truncada
De profundos suspiros brada o triste:
« Eu viver! — para que? — Proscripto, errante,
« Sem recurso nenhum, idoso, enfermo,
« E dado em jôgo á seduzida plebe,
« Porque nas aras de Baal odioso
« Não queimo incensos, não deponho off'rendas!...
« Porque á verdade consagrei meus labios,
« E ao seculo exprobrei maximas falsas
« Com que brilhar presume, e só negreja!
« Eu viver! — a que fim? — A vida é um sôpro,
« Pouco dista da morte, e a morte é certa.
« O instante que a tam barbaro destino
« Ha de esquivar-me, chamar-lhe-hei ditoso. »

(1) Sitio sobre as praias do mar, a pouca distancia de Matozinhos.

Elle murmura então não sei quaes preces,
E, a fronte calva persignando á pressa,
Diz: « É já tempo. » E do alcantil da rocha
Pende já sobre o pégo. Eis que fuzila
De repente um relampago, e após elle
Espantoso trovão rebomba horrivel;
Bate a rocha escarcéo desmesurado,
Que ao cimo se arremessa em fôfa espuma,
Inunda ao Monge o rosto, e quasi acode
A vedar-lhe o despenho, a combater-lhe
Na mente allucinada o ruim projecto.

Entrando logo em si, cahe de joelhos
O Religioso em cima do rochedo,
E endereçando ao Ceo as mãos e os olhos
Debulhados em lagrimas, diffunde
Vozes taes do imo peito: « Ó Virgem sancta
« Da Boa-Nova! ó Mãe immaculada
« Do nosso Redemptor! ao teu amparo
« Devo esta luz que penetrou minh'alma.
« Longe arrastou-me a dôr, e cego eu ia
« Terminar por um crime lustros nove
« Ao claustro dedicados, onde a salvo
« Das illusões e do fragor mundano,
« Declarei viva guerra ás paixões minhas,
« Servi e amei os homens quanto pude,
« E só lhes detestei torpeza e crimes.

« Teu Filho, o grande Deus que ha-de julgar-nos,
« Sabe se eu trabalhei para cingir-me
« Á lei sagrada que dictou aos homens:
« E hoje... Que profiro! ó Deus! perdôa.
« Eu peccador, eu vérme imperceptivel,
« Quero, em vez de encerrar-me no meu nada,
« Sondar juizos teus impenetraveis?
« Tu, sem sombra de culpa, inteiro o calix
« Das nossas dôres, das miserias nossas
« Bebeste, padecendo opprobrio e morte; —
« E eu da raça perversa dos humanos,
« E talvez mais que todos delinquente,
« Inda dos labios meus affastar quero
« Esse calix que os teus sanctificaram?
« Virgem da Boa-Nova! as preces tuas,
« Perante o Filho teu preciosas sempre,
« Alcancem-me o perdão, sejam-me escudo
« Contra os ardís do cavilloso inferno. —
« E tu, ó Deus, que nas entranhas puras
« D'esta adoravel Mãe, para salvar-nos,
« Te dignaste assumir a humana essencia!
« Afflicções a teu grado me accrescenta,
« Mas accrescenta a paciencia minha. »

Orou; e insinuar-se-lhe no peito
Sentio confortadora suavidade.
Era noite cerrada; e já d'envolta

Co' interpolado coriscante lume,
Co' estrondo dos trovões horrisonantes,
Começava, dos austros impellida,
Grossa chuva a cahir. Então o Monge
Toma o bordão, e desce do rochedo,
A passos lentos demandando a praia,
Onde as tumidas vagas marulhosas
Quebravam com sussurro temeroso.
Não muito havia caminhado, quando
Rôto e descalço um rapazinho encontra,
Que ha pouco as faixas infantís deixára,
E ao clarão dos relampagos movendo
Choroso os passos pela areia humente.

Ao suspiroso pranto, aos annos tenros,
Compadecido o Religioso exclama:
« Coitadinho! — aonde vais? — e quem te manda
« Por noite assim, ó misero innocente? »
O pequeno, cuidando que o Demonio
Ou alma condemnada lhe empecia,
Retrocede n'um salto, invoca a Virgem
Da Boa-Nova, e benze-se tres vezes,
Dando largas ao chôro mais que d'antes.
« Vem cá (prosegue o Monge), não te assustes:
« Tu vês um triste padre que vagueia
« Por aqui á mercê da Providencia,
« Rezando o seu rosario. Porque temes,

« Se a verdade estás vendo do que affirmo? »
E na dextra o rosario levantando
Acenava com elle ao fugitivo,
Que o pánico terror em fim depondo,
E os olhos enxugando co'a mão breve,
Pouco a pouco approxima-se, e assim falla:
« Meu pae é pescador, chama-se Anselmo,
« Eu chamo-me Leonel; e nós moramos
« Além n'uma casinha muito nossa,
« Que sómente de dia é que avistar-se
« Poderia d'aqui. Meu pae mandou-me
« Por noite de tamanha trovoada
« Ir mui ligeiro procurar em Lessa
« Um padre amigo seu d'ha muitos annos,
« E trazê-lo comigo sem demora,
« Pois é preciso assim. O nosso Julio,
« Que era estudánte, e foi pegando em armas,
« Levou com duas balas n'uma côxa
« Lá fóra das trincheiras guerreando,
« E, em vez de melhorar, empeorou sempre.
« Julio vai d'esta, e confissão já pede.
« O Cura, a quem meu pae se confessava,
« Querem fazer-lhe mal, e quasi nunca
« Dorme as noites em casa. — Ai! que relampago!
« Que trovão! San' Jeronymo! — oh que chuva —
« E agora eu ir a Lessa! — Ah! se sois padre,
« Vinde comigo, e não irei mais longe. »

O Religioso então: « Pois sim, menino,
« Vamos, e sem demora: a urgencia é grande.
« Tu caminha diante, e sê meu guia. »

Ei-lo do rapazinho em seguimento,
Apressa quanto póde o senil passo,
Que ao serviço do proximo esquivar-se
Não soube nunca, e demovido fôra
Bastantes vezes em favor d'ingratos:
Porém, refeito de virtude excelsa,
O bemfazejo não prevê, não teme
Ingratidões, com tanto que ame e sirva.
Tal, quando sobre as terras arquejantes
A flammivoma raiva Sirio exerce,
Vêmos frondoso castanheiro ingente
O amparo franquear da sombra amiga
Aos incolas do valle, aos forasteiros,
E a todos quantos, no visinho outono,
Hão-de com repetido atroz varejo
Quebrar-lhe os ramos, arrancar-lhe os fructos,
D'espinhosa loriga em vão munidos.

Não mui remoto da arenosa praia
Era o apoucado piscatorio alvergue.
Alli os dous assomam: bate á porta
O conductor, e vem abrir-lh'a o idoso
Viuvo pae, a quem agora afflige

A mui proxima perda irreparavel
D'um filho que esperança inda era ha pouco
De seus annos longevos tam cansados.
Elle, abrindo, co'as lagrimas nos olhos,
Diz ao pequeno: « Então, rapaz, é feito
« Quanto te encommendei? Vens tam depressa? —
« Que é do padre? — onde está? » E o padre, entrando,
Pelo guia e por si responde logo:
« Aqui estou, aqui estou. Na praia agora
« Topei co' este menino, e soube d'elle
« Que ia em busca d'um padre: eu off'reci-me,
« Quiz poupar-lhe passadas, e aqui venho. »
Grato lhe volve Anselmo: « Em hora boa
« Venhais, meu padre! Alli n'aquella alcova
« Bem vêdes o ferido, a quem de morte
« Deu o cirurgião sentença triste.
« Sei que o perco; e talvez não verá elle
« O dia d'amanhã. Cuidai-lhe d'alma,
« Que o corpo ha-de comê-lo em breve a terra.
« Cedo vai; conta apenas vinte e um annos.
« Oh coitado de mim! que n'este mundo
« Inda fiquei para vêr tal. — Mas seja
« A vontade de Deus em tudo feita.
« Gualter, meu companheiro e bom amigo,
« Vai vêr tambem se descortina o Cura,
« Que anda ameaçado, e não tem pouso certo;
« Mas que em tempo nenhum, ou vente ou chôva,

« Retardou Sacramentos. Entretanto
« A recebê-los preparai meu filho.
« Sós vos deixo ; e eu irei co'este pequeno
« Accender fogo que enxugar-vos possa,
« E a meu modo arranjar-vos cama e ceia,
« Pois quero que hoje pernoiteis comnosco. »

Depois d'agradecer como convinha
D'este agasalho a singeleza franca,
O Monge, em vozes de doçura cheias,
Prosegue assim : « Curai do vosso arranjo,
« Não já de mim. Este hábito que vêdes
« Anda affeito a enxugar-se n'este corpo,
« Que mil vezes o chão teve por leito.
« Longes têrras andei ; e a Providencia,
« Bem que entre os peccadores nenhum haja
« Mais indigno do que eu, me amparou sempre,
« E inda ha pouco livrou-me de mim proprio.
« Ide cuidar de vós ; não retardemos
« A vosso filho, em occurrencia grave,
« 'Spirituaes auxilios que elle implora,
« E ao ministerio meu incumbe a Igreja.
« Ide, deixai-nos. Deus ajude a todos. »
Leva Anselmo após si o tenro filho,
E fica o moribundo entregue ao Monge.

*

Era da estancia no recinto estreito
Uma alcova, onde quasi que receava
Penetrar o clarão tremente e frôxo
De suspensa candeia. Alli n'um catre
Denegrido brazão do rude alvergue,
E debaixo de parda cobertura
Sem fêlpa, e entre lençóes d'aspera téla,
Salpicados de sangue, se off'recia
Aos olhos consternados o ferido,
Que a espaços arrancava uns ais penosos
Do fundo d'alma, unico indicio claro
De que não s'esvaíu de todo a vida.
Por mãos devotas, que são pó já hoje,
Fôra do pobre leito á cabeçeira
Collada antiga estampa, imagem véra
Do sancto Crucifixo achado em Bouças,
E á ferrea sanha dos voraces evos
Por maravilha resistindo intacta.
Ante ella vezes mil, joelho em terra,
Erguendo as mãos, affervorando preces,
Anselmo e seus humildes genitores
Reuniram-se em noites tormentosas,
Qual esta agora vai ; e mui visiveis
Prodigios operou não poucas vezes
Cordial devoção e firme crença.
Desdenha o Ceo apparatosas pompas,
Cumulados thuribulos fumantes,

Se os corações, ou puros ou contritos,
A par não sobem do votivo incenso.

Para a piedosa estampa os olhos lassos
De quando em quando alevantava o môço,
E parecia no bulir dos labios
Murmurar preces que do Ceo ouvidas
Só poderiam ser. O Religioso
O contempla em silencio alguns momentos;
E desprendendo um Crucifixo breve
Que, do collo a pender-lhe sobre o peito,
Costumava trazer cingido á carne,
Lh'o apresenta, e assim diz mavioso e affavel:
« Eis, ó alma christã, o teu amado;
« Abraça-te com elle, e n'elle imprime
« Do teu affecto os osculos: exulta,
« Porque o teu Salvador te dá por findo
« O misero destêrro, e vem chamar-te
« A' feliz possessão da eterna herança,
« Que n'esta Cruz te preparou morrendo! »

Julio (1).

Dai cá, meu padre! —N'este trance amargo
Em que os delictos meus s'off'recem todos
A' espavorida consciencia minha,

(1) Derramando lagrimas, e estendendo os braços para receber o Crucifixo.

Em que se apressa a morte, e vai abrir-me
As portas da tremenda eternidade,
Oh! com que pêso atroz me opprime est'alma
O mui mal que empreguei tam curta vida!
Se de novo eu nascesse, ai! quam diverso,
Quam diverso viver adoptaria!
Do seculo as doutrinas empestadas,
Um revoltoso ardor d'independencia
Me despenharam no espantoso abysmo
Onde mil vezes suffoquei remorsos;
E se inda existe para mim remedio,
Só d'este Deus o espero. — Ó Pae celeste,
Amantissimo Pae, que, por salvar-nos,
Bebeste n'essa Cruz o fel da morte!
Vem aos indignos braços criminosos
D'este filho perverso, d'este ingrato,
Que já calcou aos pés a imagem tua,
N'um torpe accesso d'infernal delirio.
Pequei; sou reo de crimes inauditos,
Que carecem de nome; — e o perdão d'elles
Só póde dar-m'o a Omnipotencia tua.
Ai! que por vezes tantas, mas debalde,
Com salutar acúleo me pungiste
O duro coração sempre obstinado!
E se então desprezei copioso auxilio,
Devo esperá-lo agora?

O Monge.

E quem, ó filho,
Quem ousaria prescrever limites
Á divina clemencia? Reo foi Dimas
De roubos, d'assassinios, d'attentados
Tam negros, tam nefandos, tam sem conto,
Que a Lei civil, a seu respeito justa,
O votou do patibulo aos horrores;
E foi esse um dos dous que no Calvario
Crucificados com Jesus morreram.
Allro malfeitor, quasi expirante,
Foi de sincera contrição movido,
E ouviu da bôca do seu Deus e nosso
Aquellas expressões consoladoras:
« Comigo has de hoje entrar no Paraiso. »
Deus de misericordia, ó filho, é este
Que por nós derramou todo o seu sangue
Na obra da Redempção. Oh! nunca, nunca
Elle abandona um coração contrito.
Este Deus conta e pesa uma por uma
As lagrimas que vertes; e ellas podem,
Misturadas ao sangue mui precioso
Que inundou essa Cruz, lavar as manchas
Com que o peccado denegriu tu'alma.
É grande o nosso Deus, n'elle confia.

Julio.

Sim, meu padre, este Deus (quem, senão elle?)
Vos conduziu ao peccador submerso
Nas torpezas do crime, e que já quasi
Á desesperação de todo entregue,
Via só ante si a morte e o inferno.
De vossos labios, qual celeste orvalho,
Branda consolação fecundar veio
A avidez de minh'alma, e ella se sente
D'esperançoso ardor fortalecida;
E perante este Deus crucificado,
Perante vós, ministro seu piedoso,
Detestando o que foi, confessa e chora
Seus enormes delictos humilhada.

O Monge.

Filho! o Deus que offendeste quer salvar-te;
Visivel desce a ti celeste auxilio,
Que n'esse corpo debil te vigora
Sobremaneira o espirito. Ah! meu filho!
As divinas mercês grato aproveita.
Bem que na Terra o mais indigno eu seja
Dos ministros do Eterno, todavia
Elle me conferiu poder sagrado
De em seu nome escutar e absolver culpas;

E por grandes que sejam, por enormes,
Nenhuma avultará que cause espanto,
A quem no Tribunal da penitencia
Lhe cabe ha nove lustros assentar-se.
Prosegue.

Julio.

D'este Deus tam offendido
Me confundem, meu padre, as que exp'rimento
Altas misericordias ineffaveis.
Agora aos olhos meus negreja em dôbro
A minha sem igual perversidade.
Que Deus eu offendí! quam cego andava!
No horror eterno sepultados sejam
Do desvairado seculo os dictames! —
Curioso de saber, amando o estudo,
Me circumdava lisongeiro applauso
Nas aulas da Portuense Academia.
Oh! que antes eu seguisse o emprêgo humilde
Com que meu pae e avós o pão lucraram!
Obscuros, e por isso mais ditosos,
Viveram vida honesta e socegada...
Eu porém aspirando a nome illustre,
Com atilado ardor lendo e relendo,
Apreciava mais que muito os livros
Onde a Religião e quanto ha n'ella
É alvo de motejos nunca exhaustos;
Onde a immoralidade goza indulto

Que, os crimes affoutando, talvez inda
Aborrecer-fará quanto é governo;
Onde sem pejo as horridas doutrinas,
Que inda o futuro mostrará mais negras,
Inculcam esses genios corruptores,
A quem o mundo, d'escuta-los digno,
Philosophos nomeia abalizados.
Ai! quam pequenos me parecem hoje!
Livros, e socios pessimos a origem
Foram da minha perda. Persuadido
De que eram bens communs os bens terrenos,
Dei-me a roubos, estupros, adulterios,
E só ser assassino me faltava;
Mas veio a occasião, fui assassino. —
Contra o proximo assedio a premunir-se
Já começava o Porto: era eu lá dentro;
E desejando com vehemencia incrivel
De litterato á fama unir a gloria
D'acceso campeão da Liberdade,
Tomei as armas prompto; e mais que nunca
Largando redeas aos flagicios todos,
Sêde feroz se me ateou de sangue.
Um dia que eu vagava em certa rua
Com varios outros companheiros d'armas,
A qualquer attentado mui dispostos;
Subito eis se apresenta a nós um velho,
Calvo, mui mal trajado, e n'esse instante

Trazido alli por desastrosos fados:
« É frade disfarçado! morra! » (exclamo).
Logo os mais a uma voz: « Se é frade, morra!
« E morram quantos frades ha no mundo! »
De joelhos e unindo as mãos trementes,
S'esforçava elle em vão por aplacar-nos,
E bradando affirmava não ser frade,
Mas um pae de familias indigente.
« Morra! » (exclamo outra vez); e cahe o triste
D'agudas baionetas traspassado.
Ah! — que inda vejo das crueis feridas
Jorrar o sangue, e os moribundos olhos
Procurando nos Ceos essa piedade
Rogada em vão a corações de bronze.
Este sangue, este sangue inda recente
Clama vingança, e pertinaz me accusa
Perante o solio do Juiz supremo.
Ah! meu bom padre! os eternaes castigos
Mereço d'este Deus, não a clemencia...
Oh qual remorso me lacera est'alma!
Orai por mim, que os labios meus impuros
Não podem proferir valiosas preces. —

O Monge.

Se são grandes, meu filho, os teus delictos,
Delicto inda maior fôra, por certo,
Desesperar da paternal bondade

E altas misericordias prepotentes
D'este Deus que te chama. —Essas feridas
Que recebeste, esse amargoso pranto,
E os duros acicates com que punge
Vivo remorso a consciencia tua,
Foram pesados na balança eterna,
E o supremo Juiz hoje os acceita
De tuas culpas em desconto. O mundo
Te seduziu a juventude incauta
Co'as perfidas meiguices capciosas,
Cujo veneno agora reconheces.
São grandes e inscrutaveis os juizos
Da Providencia: dêmos-lhe louvores,
Porque alongar não quiz a mui p'rigosa
Carreira de teus dias inquinados.
Talvez, vivendo mais, te fosse a vida
Fóco incessante d'attentados novos,
E quem, quem sabe então qual fim terias?
N'esse estado indizivel de cegueira,
Não poderia subitanea morte,
De teus crimes envolto, arrebatar-te,
Pôr-te aos degráus do Tribunal eterno,
Sem conceder-te nem sequer o espaço
Em que coubesse um voto, um ai contrito?
Mas comtigo este Deus é pae clemente,
O thesouro das graças te franqueia,
A contrição te acceita, e quer-te salvo.

Abraça-te com elle, e n'elle toda
Se esperance tu'alma affervorada,
Té que nos altos Ceos o veja e goze.
Em nome d'este Deus, te absolvo as culpas.

Julio.

Já que tam mal vivi, quizera ao menos
Morrer christão em tudo; e morreria
Inda mais satisfeito e consolado,
Se n'esta hora receber podesse
O divino Viatico, o oleo sancto.
Poderei recebê-los?

O Monge.

Inda ha pouco
Teu pae me disse que tambem mandava
O competente aviso ao vosso Cura.
Sei quam distante o presbyterio assoma
D'este logar: a noite é procellosa,
Sôa em torrentes despenhada a chuva,
E andam estes caminhos infestados
D'homens de má tenção: tudo isto deve
Suscitar grande estôrvo ao complemento
D'esses desejos teus, bem que tam justos;
Mas podem elles sós, por mui vehementes,
Tudo supprir. O nosso Deus, meu filho,
Quer corações, e o coração é tudo.

Julio.

Cobre-me um suor frio; avisinhar-se
Sinto o final momento, e bem quizera
Dizer o ultimo adeus a meu pae triste
E a meu pequeno irmão. Onde estão elles?

O Monge.

Sim, é justo: eu os chamo. E assim dizendo,
Ei-lo abre a porta que a boçal estancia
Separava do acceso lar fumoso,
E chama os dous, que comparecem logo.

Sobre o corpo do filho agonizante
Se debruçava, em lagrimas banhado,
O idoso Anselmo; e em vão para exprimir-se
Tres vezes forcejou, porque outras tantas
Morreu-lhe a voz n'um soluçar penoso.
O pequeno, acolhido juncto ao leito,
Em desmedido chôro prorompia;
E o bom padre, ante a scena dolorosa,
Sentia de seus olhos apiedados
Desprender-se uma lagrima furtiva,
Que as faces venerandas lhe sulcava.
Nunca, ó Religião, tu te apresentas
Do teu divino Auctor mais digna em tudo,
Que quando aos homens, carinhosa e affavel,
Trazes consolações, e paz e auxilio.

Tu és mãe desvelada; sempre os filhos
Queres no gremio teu, e a elle os chamas
Com meiga voz, se os desgarrou, se os prende
Longe dos olhos teus mundano engôdo.
Teu jugo é brando, o pêso teu é leve;
Quem te inculca feroz e despiedada,
É indigno de ti, não te conhece.

Rapido vôa o tempo; e ao moribundo
Deixa apenas de vida um sôpro debil,
Que prestes vai de todo esvaecer-se.
Com estreitar o Crucifixo ao peito
Empregando a sinistra quasi immovel,
Elle ao pae e ao irmão a fria dextra
Com pio affecto inda estender buscava,
Como para os ligar no abraço extremo.
« Dai-me (em voz esmorida ao pae dizia)
« A vossa ultima benção: — será ella
« O signal do perdão aos erros todos
« Que em mim vos desgostaram. — Tende em vista
« Affastar de perversos companheiros
« Meu innocente irmão; fazei que seja
« Bom christão; que se o fôr, será bom filho. —
« Abraçai-o por mim. — Adeus... » E n'isto
Ergue os olhos ao Ceo, e mal que os desce,
Entrega, no suspiro derradeiro,
A alma contrita ao Creador, que a acceita.

Gloria ao Deus de bondade, ao Pae celeste,
Nas alturas do Empyreo, e no orbe inteiro!
Seraphins, Cherubins, Anjos, Archanjos,
Jerarchias do Ceo, Milicia sancta!
Novo hymno desposai co'as aureas cordas
Das rutilantes harpas diamantinas;
O enlêvo redobrai d'altos concentos,
Sôem milagres d'harmonia eterna;
Que lá diviso da immortal Solyma
Pelas gemmantes portas bipatentes
Ir luminosa entrando alma que ha tanto
Longe do bom caminho divagava,
E que no lôdo das paixões terrenas
S'escondia abysmada e semi-morta.
Gloria ao Deus de bondade, ao Pae celeste,
Nas alturas do Empyreo, e no orbe inteiro!
Eis entre os braços paternaes abertos
Se lança o filho prodigo humilhado;
Eis ao redil do bom Pastor se acolhe,
Para mais não sahir, a ovelha errante,
Que longo tempo se julgou perdida.
Gloria ao Deus de bondade, ao Pae celeste!
Em seus arcanos a sapiencia summa
E o poder infinito se concentram;
Suas misericordias não tem conto.
Gloria, gloria sem fim ao Deus immenso!

Já n'este tempo o Cura protegido
Só de mesquinha umbella contra o embate
Da nocturna tormenta, e acompanhado
De Gualter, cuja incrivel diligencia
Não debalde lidára em descobri-lo,
Estava ao limiar do pobre alvergue,
Conduzindo o Viatico sagrado
E a salutar Unção do ultimo trance.
« Seja a paz do Senhor comvosco sempre! »
(Diz elle entrando); e logo o Religioso
Por todos lhe responde: « Tambem reine
« Essa ditosa paz sempre em tu'alma! »
E adoram genuflexos e acurvados
O eterno Rei, no Sacramento augusto.
Aquella ingenua recepção devota
Dava ares do fervor tam vivo e puro
Com que outr'ora Jesus, quando entre os homens
Humanado habitou, era acolhido
No curto espaço dos tegurios lhanos
De Pedro, de João, de quantos elle
Seus Apostolos fez de pescadores.
Tributados que foram, quaes convinha,
Cultos do coração, grandes no affecto,
Ao Penhor Eucharistico, já se erguem,
E ao Cura diz Anselmo em voz submissa:
« Resta-me viva dôr de que expirasse
« O filho meu, sem receber em antes

« O Deus e a Unção final, que receberam
« Seus avós, sua mãe, na hora da morte,
« E tambem sobre o mesmo triste leito
« Onde elle agora jaz. Eu entretanto
« Teus decretos adoro, ó Deus clemente!
« Era este filho aos annos meus cansados
« Doce esperança, que, morto elle, é morta,
« E o segue á sepultura, em quanto eu proprio
« Alli não desço, que será mui breve.
« Só me custa deixar este pequeno
« No mundo d'hoje, que ao d'outr'ora excede
« Em má fé e costumes pervertidos;
« Mas de cuidados taes descansar devo
« Na Providencia e no fiel amigo
« Que ella em Gualter me deparou piedosa.
« Quanto ao mais, eu que faço n'este mundo? —
« Inda, inda cá fiquei, (ó Deus, perdôa!)
« Para vêr mal olhada, e tida em pouco
« Sancta Religião consoladora
« Que meus paes professaram, que eu professo;
« Para vêr monges, sacerdotes tantos,
« No serviço do altar envelhecidos,
« E alguns d'altas virtudes adornados,
« Andar pedindo a esmola que por elles
« Talvez foi dada a muitos que hoje folgam
« De os vêr sem pão, sem lar, e reduzidos
« A mudar trajes, a esconder-se ao dia,

« Porque os não vexe mofador insulto.
« Esta guerra fatal é escarcéo grande
« Que entre nós vai de todo submergindo
« O arrombado baixel do bom Governo,
« Da justa Lei, do proceder honrado.
« Quem viver dará novas do futuro.
« Entretanto o que sei é que esta lucta
« Onde irmãos contra irmãos ardem ferozes,
« E uns dos outros o sangue beber querem,
« Me deu cabo d'um filho, e em mágoa e lucto
« Veio abysmar o resto de meus dias,
« Que já (graças aos Ceos!) tem perto o termo. »
E, fallando, chovia-lhe dos olhos
Pelas tostadas faces pranto amargo.

A isto o Cura: « Mais que muito eu sinto
« Haver chegado tarde. Estai seguros
« De que a nocturna rispida procella
« Não retardou meus passos: iguaes noites
« Sem custo as arrostei, quando cumpria
« Ao proximo servir no que depende
« Do ministerio meu, e mesmo em tudo
« Que esteja ao meu alcance. Outros motivos
« De prepotente fôrça me constrangem
« A pernoitar da residencia longe
« Não poucas vezes. Bem sabeis que estamos
« Rodeados de nossos inimigos:

« Fui d'elles esta noite inda ameaçado,
« Quiz poupar-lhes um crime, e acautelei-me.
« Gualter, esquadrinhando infatigavel,
« Achou-me, expoz-me a urgencia, e eu parti logo;
« Mas só me coube recolher por fructo
« Mágoa mui grande de chegar tam tarde.
« Vai adiantada a noite, e já não brame
« Tam rijo o temporal: eu volto á Igreja.
« Mal que o dia apontar, serei comvosco
« E farei por cumprir sacros deveres. »

Então ao velho Anselmo diz o Monge:
« Agora, amigo, o meu dever me ordena
« Que siga o vosso Cura, que acompanhe
« Ao seu terrestre domicilio sancto
« O Deus clemente que salvou teu filho,
« E que elle, no fervor da intenção pia,
« De véras recebeu, quando expirava.
« Oh! quam digno de todo o acatamento
« É este grande Deus que nos ampara!
« Em teu favor o tens, e ha de reunir-te
« Com teu filho no Ceo: esta esperança
« É o portentoso balsamo que deve
« Do coração cicatrizar-te as chagas.
« Não tardarei aqui, para ajudar-te
« No que houveres mister. Confia sempre
« Na eterna Dextra que protege o humilde. »

Põe-se o Cura a caminho, e vão-lhe ao lado
O respeitavel Monge e o raro amigo
Do bom Anselmo, e pescador como elle.
Tal acompanhamento ao Rei supremo
Nem era numeroso, nem solemne;
Mas, pobre na apparencia, era com tudo
De respeitosa devoção mui rico.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

CANTO SEGUNDO.

Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi:
in domum Domini ibimus.
PSALMO 121. verso 1.

Mas o dorido pae, que resolvêra
N'este emprêgo evitar fadiga alheia,
Por suas proprias mãos lavava o corpo
Do joven filho extincto, e o amortalhava
Em lavado lençol, dos derradeiros
Que lhe fiou solicita a consorte
Juncto á fogueira, nos serões d'inverno.
« Ó filho, filho meu! (elle exclamava)
« Quando cuidou teu pae, vergando agora
« De tanta idade ao pêso, estar guardado
« A fazer-te estes ultimos serviços,
« Que receber de ti cedo esperava! »

E os olhos embebia lacrymosos
No rosto do mancebo onde brilhava,
Em despeito da morte, inda um sorriso,
Um annúncio ineffavel de ventura.
Tal rosto era o do prodigo, entre o somno
D'aquella noite que pôz termo ao dia
Em que seu pae o recolheu piedoso,
E erros mil perdoou n'um terno abraço.
As mãos inda apertavam sobre o peito
O breve Crucifixo, que o bom padre
N'ellas depositára. De joelhos
Velava o pescador co'outro filhinho
Em alternadas preces aguardando
Do seu Cura e do Monge officioso
A vinda, para dar-se o corpo á terra.
Sumida luz de funebre candeia
Ousava disputar o quadro ás trevas.

Já então os umbraes do templo entrava
O divino Viatico. Resplendem
Os lumes usuaes no altar accesos;
E do mystico Pão sob apparencias,
Em seu throno d'amor, onde recebe
D'affervorada Fé perennaes cultos,
Toma assento a suprema Majestade.
Fôra observado o rito; e o Cura e o Monge
Em oração profunda eram absortos.

Eis subitaneo recalcar de plantas,
E retinido d'armas sôa, e rompe
A antiga paz do sacrosanto asylo,
Onde já de rondão entra raivando
Armigera patrulha. O commandante
S'endereça minaz ao Religioso,
E assim o inquire: « Serás tu acaso
« Frei Eleutherio, aquelle endiabrado
« Que de injurias torrente escandalosa
« Contra os campeões da Lusa Liberdade
« Vomitava dos pulpitos? aquelle
« Eterno elogiador do despotismo,
« E da Carta inimigo, e sempre opposto
« A qualquer democratico systema?
« Aquelle fino hypocrita embrulhado
« Na cumplice estamenha, e frade em tudo,
« Zelando a causa pessima dos frades,
« E trabalhando em seduzir cabeças
« De credulo jaez? aquelle infame
« Que achando n'estes sitios valhacouto,
« E vivendo á mercê dos illudidos,
« Nos baldou tanto tempo a vigilancia,
« Tantas noites nos fez passar em claro?
« Falla, dize, responde, ou cahe no inferno. »
E assim bradando, lhe ameaçava a fronte
Co'a lampejante cortadora espada.
« Frei Eleutherio sou (lhe respondia

« Manso e tranquillo o padre); sim, sou esse
« A quem vós procurais; aqui me tendes.
« Não ouso defender-me, nem arguir-vos:
« Justiça inteira nos fará o Eterno,
« Segundo as nossas obras; e isto basta.
« Não me intimida a morte: se é chegada
« A minha hora, vós tereis a vossa. »

Então o commandante, ardendo em raiva,
Aos satellites clama: « Eia, esté Bonzo
« Maniatado levai ao calabouço
« Do castello da Foz. Sabei que é elle
« Um dos maiores inimigos nossos,
« Sabei que é reo dos mais nefandos crimes! »
E voltando-se ao Cura: « Desde agora
« Cessaram n'esta Igreja, senhor Cura,
« As mil momices com que engoda os nescios.
« Está dado o seu pôsto a melhor homem
« Que o povo desabuse, que anniquile
« Essa padresca educação sédiça,
« Tam anti-social, tam desastrada;
« Que pregue d'esses pulpitos, e inculque
« Sancta Lei natural, sacros Direitos
« Do cidadão e do homem; não doutrinas
« De mentirosos alfarrabios velhos,
« Como Biblias, Missaes, Martyrologios,
« Breviarios, Larragas, Flos-Sanctorum,

« Onde tndo é poeira, onde envolvida
« Em ridiculo manto esfarrapado,
« Folga a Impostura d'illudir bolonios.
« Portanto, senhor Cura, já depressa
« Desaffronte, allivie estes lugares
« Do entulho enorme da ignorancia sua.
« Aqui não volte mais: se volta, é morto.
« Deixe o curato ao successor mais digno,
« Que virá d'elle tomar posse em breve.
« Eu mesmo fecharei da Igreja as portas,
« E a chave levarei para entregá-la
« Ao novo Cura, meu parente e amigo. »
E ei-lo acêna aos soldados, que se apossam
Do Monge, e vão-lhe atando as mãos com cordas,
Em quanto alguns com desacato infando
O Cura expellem a empuxões violentos.
Tudo emfim sahe do templo; e o commandante
Fecha as portas ligeiro, e guarda a chave.

No meio da patrulha desalmada
Lá vai o veneravel Religioso
Ao carcere profundo. Cá de longe
O commandante vai, e deixa livres
Alvedrio e poder á tropa infrene.
Já chovem sobre a victima innocente
Improperios, baldões, sarcasmos, pragas.
Um as faces lhe cospe, outro desfecha

Bofetada estrondosa: estes o pungem
Co'a acicalada ponta das baionetas;
Aquelles o maceram com crônhadas.
Elle, soffrendo com valor incrivel,
Á celica mansão erguia os olhos;
Os olhos, porque as mãos lhe prendem laços
Com triplicada volta reforçados.
Assim caminha lento, e com seu sangue
Vai os vestigios seus deixando impressos
Na alongada passagem dolorosa.
Entram já no castello; e á luz funerea
D'amarellentos fachos crepitantes,
Descem ao tôrvo ergastulo medonho
Em furia accesos, blasphemando horriveis,
De Jesus Christo o servo ensanguentado.
Aqui submerso em trevas, expirante,
E os desangrados membros descahindo
Sobre um pedaço de granito bronco,
O deixa afferrolhado a gente iniqua.
Nocturnas aves, que em vetusta posse
Eram do sepulchral recinto horrendo,
Amedrontadas do clarão dos fachos,
Da infernal vozeria aturdidora,
Suppondo-se invadidas, mal seguras
Em seus ninhos soturnos, inda esvoaçam
Por entre o cego horror, e vão sem tino
Co'as azas estridentes açoutando

Os varões d'escasseados agulheiros,
E as paredes e abobadas, que escorrem
Doentia humidade nunca exhausta;
Mas onde á solidez inabalavel
Tudo sacrificou impio architecto.

N'este lugar d'angustia, e á vida opposto,
Jaz enterrado o heroe do soffrimento.
Quem o consolará? — Deus e a virtude.
Não lhe assoma nos labios resignados
Nem sombra de queixume: elle franqueia
Generoso perdão, perdão sublime,
A seus verdugos, e por elles ora.
Tambem nos seios d'alma está-lhe fixa
A Patria em dó sobre sangrentas ruinas,
A Patria afflicta e cara: nem desiste
De recordá-la ao Pae omnipotente
Em votos d'alto amor, ardentes preces,
Que voam logo ao Ceo: e n'este emprêgo
Adormecendo vai... e eis adormece — (1).
Anjos! elle é já vosso: eia, apressai-vos;
Trazei laurel radioso, empyreas palmas
Ao valente agonista denodado,
Que em batalha campal debella e prostra
O mundo embaidor, a morte, o inferno!

(1) A morte d'este cenobita não é um facto, mas um symbolo ou emblema da morte civil das corporações religiosas em Portugal.

Entretanto surgia do aureo leito
Leda aurora gentil, toda sorrisos;
E ao mesmo tempo que a donosa fronte
Engrinaldava de rubís e rosas,
Ia afastando as carregadas trevas,
E serena manhã trazia ao mundo.
Gualter, d'Anselmo o desvelado amigo,
Que o Viatico á Igreja acompanhára,
E, succumbindo ao susto, s'evadíra
Logo que viu entrar o bando armado,
Chegava n'este instante, inda tremendo,
Ao alvergue do amigo absôrto em preces
Juncto do caro joven, que ora dorme
Em paz profunda o sempiterno somno.
Recobrado que foi do terror grande,
Ei-lo refere ao consternado Anselmo
De qual arte escondido n'um recanto,
Que do lugar se avisinhava muito,
Víra expulsar o Cura, ir prêso o Monge
Entre os feros satellites raivosos,
E o commandante com violencia estranha
Fechar do templo as portas, e apossar-se
Tambem da chave; diz que, amedrontado
De quanto víra alli, de quanto ouvíra,
Lhe falleceu valor para ir no alcance
Do armigero tropel; que ignora aonde
O bom Religioso foi levado,

Ou que rumo seguiu o affavel Cura.
« Bem vês (assim termina) que é baldado
« Esperarmos agora nenhum d'elles.
« Cuidemos pois de sepultar teu filho
« Por nossas proprias mãos na capellinha
« Da Boa-nova, que nos fica perto,
« E de que a chave ha muito tempo eu guardo.
« No meio da desordem lamentavel
« Que nos rodeia, que transtorna tudo,
« Este recurso é o nosso, outro não vejo. »
O amigo, ouvida a narração tremenda,
Pasma, ao Ceo ergue as mãos, e annue ao resto.

Tomam os dous o inanimado corpo,
E vai-lhe a fronte recostada ao peito
Do idoso pae, que nos rúgosos braços
Sustem-lhe o dórso a custo, em quanto o amigo
Tambem nos seus lhe abrange e estriba as plantas;
Pésa o enxadão aos hombros do pequeno;
E pela areia das desertas praias
Vão as pégadas imprimindo lentas
Té o lugar do jazigo. Eis se approximam,
Lá chegam, e da ermida as portas abrem.
Logo do altar em frente o caro pêso
Depõem, e breve espaço oram devotos
Á Virgem tutelar, que vezes cento
Por elles invocada, os pôz a salvo

D'horridos p'rigos que no mar correram.
Gualter, logo que as súpplicas findaram,
Toma o enxadão, e vai abrindo a cova,
Em quanto Anselmo, pensativo e mudo,
No filho embebe as derradeiras vistas,
Vistas insaciaveis. Porém vendo
Finalizada a lugubre tarefa,
E chegado esse instante em que é forçoso
Restituir á terra o que é da terra,
Extrahe co'a mão tremente o Crucifixo
Das mãos geladas que o apertavam firmes,
E inda agora difficeis o abandonam.
Logo, do bom amigo auxiliado,
Em dôr que os prantos borbulhar não deixa,
Á sepultura entrega o extincto joven,
E de piedosa terra o cobrem ambos.
« Ella te seja leve (assim exclama
« O amargurado pae), e n'ella eu venha
« Bem cedo, ó filho, repousar comtigo! »

Deixam todos a ermida taciturnos;
E qualquer d'elles o quinhão de mágoas
Que lhe tocou, no intimo d'alma o guarda,
E seus trabalhos usuaes prosegue.

Ia pelo hemispherio o rei dos astros,
A diurna carreira apressurando,

E, proximo a esconder-se, já tingia
D'aurea côr deslumbrante os socegados
Plainos azues do Atlantico. Mui fria,
Mas só a espaços sussurrando, a briza
Mal enrugava então a téz das aguas.
Dentro do humilde alvergue solitario,
Em frente um do outro, silenciosos, tristes,
O pescador e o tenro filho estavam
Dando concêrto a desmalhadas redes,
Quando, não menos pallido que um morto,
Entra Gualter attonito, e assim falla:
« Venho da Foz, onde me foi preciso
« Procurar o piloto d'uma escuna
« Que para Pernambuco em breves dias
« Tem de fazer-se á vela, e encarregá-lo
« De entregar um pacote ao meu Eusebio,
« Que lá vive ha tres annos, como sabes;
« E ao vêr na Cantareira um grosso bando
« De companheiros nossos, de barqueiros,
« Pilotos, contra-mestres, matalotes,
« Que entre si debatiam, palpitou-me
« No peito o coração; e diligente
« Procurei conhecer qual fosse a causa
« D'aquelle conversar acalorado.
« Cheguei de perto, e puz o ouvido á escuta.
« Em voz alta os successos assoalhavam
« Da fatal noite d'hontem. — Um dizia

« Que ao reboliço despertára, e logo
« Chegando-se á janella, distinguíra
« Soldados ao castello conduzindo,
« Entre dicterios, maldições, punhadas,
« Um prêso que, por certo, deveria
« Ser criminoso d'estremado lote. —
« Outro, com ar mui sério e voz pausada,
« Contava que, ao passar essa patrulha
« Rente da sua porta, elle espreitára
« Pelo postigo, e vira ir prêso um homem,
« De mãos atadas, caminhando a custo,
« E que no traje parecia frade. —
« Estes apostam firmes e ferrenhos
« Em como o desgraçado prisioneiro,
« Entrando quasi morto no castello,
« Vivêra poucas horas; e concluem
« Dizendo que houve alguem que, ao romper d'alva,
« Víra lançar ás ondas um cadaver. —
« Aquelles asseveram renitentes
« Que no castello era guardado o prêso
« Para ir ao Limoeiro, ou ser mandado
« A destêrro além-mar, onde acabasse. —
« N'isto chega um rapaz, e dá noticia
« De que viu com seus olhos n'esse instante
« Juncto ao pharol da Luz, entre soldados,
« Irem prêsos dous homens, a quem davam
« Alcunha de *Migueis* e de *Caipyras*,

« Por andarem tomando muito a peito,
« E em doloridas vozes publicando
« O acontecido na passada noite.
« Todos, ouvindo tal, uns após outros
« Se vão mui sorrateiros ausentando;
« E a praia, que era cheia, fica um ermo.
« O que ouvi, o que sei, e mais que tudo
« O pavoroso ensanguentado rasto
« Que apparece a perder-se no castello,
« Faz-me suppôr que do bom Monge a vida
« Ou acabada está, ou mui p'rigosa.
« Amigo, a malfadada noite d'hontem
« Ficou-me escripta para sempre n'alma. »

Anselmo, que, durante a narrativa,
Pasmado suspendêra os seus trabalhos,
Exclama erguendo as mãos: « Deus nos acuda!
« A que tempo chegamos! Quanto e quanto
« Não soffreria o respeitavel Monge!
« Mas nem por isso eu creio que o matassem. »
Ah! por ventura é dado á mansa ovelha
De dia apascentando-se no valle,
De noite recolhendo-se no aprisco,
E seu senhor de suas lans vestindo,
Conhecer quam raivoso ardor sangrento,
Quam tetricos apuros de crueza
Cabem no peito ao refalsado tigre,

Que brincando devora, e na matança
Se compraz não faminto, e só por genio?

Porém de todo nos equoreos plainos,
Tristeza dando aos olhos, se apagára
Do auri-fulgido sol o raio extremo,
E votada ao mysterio a mansa noite
Desenrolando vinha o manto umbroso.
Era já mui difficil nos objectos
Fórma e côr distinguir. O annoso Anselmo
Por agora aos trabalhos põe limite,
E, do seu lar furtando-se ao conchêgo,
Diz a Gualter: « Esta manhã na ermida,
« Quando á Virgem oravamos, fiz voto
« D'ir, no pouco que eu viva, alli rezar-lhe
« Todas as noites, começando d'esta.
« Lá vou; e se te apraz, tu me acompanha. »
Prompto lhe volve o amigo: « Pois sim, vamos. »
Ó singela affeição! ó de vontades
Amavel concordancia virtuosa!
Vós d'Astrêa immortal abrilhantastes
O seculo feliz; e se na terra
Por ventura prezais habitar hoje,
Não, não é nos salões apainelados,
Onde o luxo cuidou supprir virtudes,
É sim nas choças que resguarda o côlmo,
Que o riso excitam da opulencia ignara.

*

Lá vão os dous a par, e ei-los a um tempo
Ajoelham da ermida juncto ás portas;
E, levantando as mãos, sentem nas almas
Exuberante devoção ferver-lhes.
Logo em súpplicas taes prorompe Anselmo:
« Ó Mãe dos peccadores! Virgem Sancta!
« Que nos p'rigos do mar, nas amarguras
« De meus cansados dias, sempre foste
« Dôce refugio meu, meu firme amparo!
« Toda a consolação que inda me resta
« Cá n'este valle de miseria e pranto
« É crêr com viva fé que na presença
« Do verdadeiro Deus, que, por salvar-nos,
« Quiz em tuas purissimas entranhas
« Revestir-se da carne fragil nossa,
« Depuzeste afflicções, lagrimas, ancias,
« Que a morte me causou da amada espôsa,
« E ora a do filho em florescentes annos;
« É crêr com viva fé que estes, e todos
« Da minha longa vida os soffrimentos,
« Terei de os vêr acceitos em desconto
« De meus grandes peccados. Outro filho
« Tenho inda tenro; á tua conta o toma.
« Dá que no Paraiso nos reunamos:
« Eu em breve á consorte suspirada
« E ao caro Julio meu, e a nós um dia
« Tambem o meu Leonel, acompanhado

« Do leal nosso amigo. Assim se cumpra. »
Tanto que oraram, celestial confôrto
Almas e corações penetrou d'ambos.

Calada impera a noite: — confidentes
De velado prazer, de mágoa obscura,
Brilham com fulgor trémulo as estrellas
Pela amplidão da abobada celeste;
E furtivo, e a perder-se no occidente,
Mal se mostra inda então da nova Lua
O tenue semicirculo argentado.
Mudez e solidão, em paz fraterna,
Este lugar possuem: só s'escuta
A vaga em prêamar batendo as praias,
Espumosa quebrando no rochedo
Que avulta ao pé da ermida, e arremessando
Taboas, cordame, espedaçadas vêrgas
De naufrago baixel, rôto e affundido
Pela hesterna tormenta assoladora:
Detem-se alli os dous, e lhes parece
Vêr um cadaver sepultado quasi
Entre alga e areia, e naufragados restos.
Affirmam-se de perto, e reconhecem,
Menos oppressas do montão confuso,
Finadas mãos e plantas alvejando;
Talvez d'infeliz nauta, que deixasse
Viuva a esposa, em orphandade os filhos,

E, ao lucrar-lhes o pão, perdesse a vida.
Oh mui ditoso agora! porque ao menos
Deu em mãos caridosas, que lhe evitem
Voraz insulto d'esfaimados corvos,
E entreguem, como cumpre, o corpo á terra.

Compungido ante a scena deploravel,
Diz Anselmo ao amigo: « É necessario
« Tirar d'entre esta lenha e algoso entulho
« Esse irmão nosso, e sepultura dar-lhe
« Juncto da ermida, se signaes não virmos
« De que ha sido Christão; mas dentro d'ella,
« Se colhermos que o foi. No em tanto é certo
« Que ou Christão, ou Judeo, ou Protestante,
« É um filho de Deus, um irmão nosso.
« Tu, meu Gualter, de quem por ora os hombros
« A idade não vergou, vai, vai a casa
« Buscar depressa flammejante facho,
« Traze o enxadão e a chave da capella. »

Parte veloz o amigo; e alguns instantes
Unico habitador das praias ermas
Anselmo existe. — Humedecidos olhos
Pasce pelo estrellado firmamento,
E sente murmurar n'alma saudosa
Dôces recordações, imagens meigas
Da consorte e do filho, que, exultando

Na plena posse d'eternaes venturas,
Percorrem junctos a mansão dos astros,
E ambos o querem lá, de lá lhe acênam,
E a d'esses orbes estructura eximia
Agora conhecendo, e as leis que os regem,
Ao supremo Factor o Hosanna entoam
No incomparavel immortal concento,
Cujas vozes, psalterios, harpas, lyras,
Retumbando dos Ceos na immensidade,
Os enchem todos de sonoro enlêvo. —
E em quanto ideias taes alimentando,
Elle fitava attento a estancia ethérea,
Viu correr velocissima do Eôo
Errante estrella, que deter-se veio
Sobre estes sitios a brilhar formosa;
E accentos d'harmonia sobre-humana
Como que ouvíra resoar não longe.
Volve os olhos em tôrno, escuta immovel,
Escuta mais e mais: — silencio é tudo.

Mas, o silencio interrompendo, eis soam
Passos ligeiros: é Gualter que chega,
E vem como convinha apercebido.
Prestes o alcatroado esparto ardente
Depõe nas mãos do velho; e ora empregando
Callosa robustez do pulso estreme,
Ora ajudado do enxadão pujante,

Desenvolve do entulho e põe patente
O corpo... mas de quem?—Fatal certeza!
O veneravel Monge reconhecem.
Não sei qual bonançosa majestade,
Qual angelico amor, qual dita summa,
Lhe transluziam no semblante affavel.
Cruzava sobre o peito as mãos, e tinha
Das cordas ainda lividos os pulsos.
Monachaes vestes, que illustrou virtuoso,
Hoje o envolvem madentes, laceradas,
E deixando entrevêr crebras feridas,
Todas a gottejar sangue recente,
Todas do seu martyrio testemunhas
Ante o Compensador, cuja balança
Nunca desvaira do equilibrio eterno.
Aquelle rôsto, aquellas mãos cruzadas,
E um quasi albôr celestial, que em tôrno
Do beato corpo despontar se observa,
Infundem devoção, movem saudade.
Quem n'elle reparasse, o crêra logo
Acordado no Ceo, bem que na terra
Dormisse o dos *Eleitos* quieto somno.

Onde acharias a teu grado, ó Musa,
Côres fieis para pintar o assombro
Entremeado de dôr, que aos dous amigos
Varou então os corações e as almas?—

Ora um ao outro se contemplam mudos,
Ora os olhos embebem lacrymosos
No Bemaventurado: eis um lhe beija
Com fervoroso acatamento as plantas;
Eis outro sobre as mãos lhe imprime os labios.
Ah! seria, ao vêr tal, mais que de bronze
Quem pelos olhos em copioso pranto
Não derramasse o coração desfeito!

Rompe a triste mudez primeiro Anselmo.
« Convem (diz elle) que este Martyr sancto
« Busquemos abrigar dentro na ermida,
« E que alli sem demora o sepultemos.
« Avisinha-se a hora em que as patrulhas
« Correm tudo a rondar: bem póde alguma
« Descobrir-nos, prender-nos, e espalhar-se
« Um segredo que Deus, conforme eu creio,
« Quiz fiar só de nós. » — Ei-los conduzem
Prestes á ermida o veneravel corpo;
E juncto aqui do convertido joven
Dão-lhe, a portas fechadas, sepultura:
E de pio fervor predominados,
Beijando a terra onde descansa o justo,
Dizem-lhe o ultimo *adeus*, e aos lares volvem.

FIM.

HOMENAGEM

DO CORAÇÃO

AO ENTE SUPREMO.

ADVERTENCIA.

Muitos annos decorreram desde a primeira publicação typographica do seguinte opusculo; e hoje, n'esta reimpressão, o apresentamos com aquelle aperfeiçoamento que estava ao nosso alcance.

HOMENAGEM DO CORAÇÃO

AO

ENTE SUPREMO.

Il est ; tout est par lui : seul Etre illimité,
En lui tout est vertu, puissance, éternité.
Au-delà des soleils, au-delà de l'espace,
Il n'est rien qu'il ne voie, il n'est rien qu'il n'embrasse.
LE BRUN.

1.

Arcano onde esmorece o mais profundo
Discorrer de philosopho ingenhoso!
Eterna Essencia que tiraste o Mundo
Das entranhas do cahos tenebroso!
Ó Deus! Manancial de bens fecundo!
Rege, esforça meu canto, desejoso
De penetrar os Ceos: influxo e arte
Espero só de ti, para cantar-te.

2.

Lá do alto de teu Throno coruscante,
De que é tenue reflexo o Astro do dia,
Tu á prole d'Adão dispersa, errante
N'este exilio fatal, sê luz, sê guia;
Teu soccorro franqueia-lhe incessante;
E da que enleva os Ceos viva harmonia
Une a meu canto emanação tam forte,
Que no impio mova salutar transporte.

3.

Eu te adoro. —E ao mortal é permittido
Mais que adorar, ó Deus, tua grandeza?
Cabe ao vérme, no pó quasi perdido,
Escrutar do Increado a natureza?
Todo em teus attributos involvido,
Do que es só tu abranges a inteireza;
E quem ergue a tal ponto o vôo insano,
Sente em fim baquear o orgulho humano.

4.

Requintado saber é sombra, é fumo,
Se ante as perfeições tuas não se humilha,
E demove aos mortaes do vero rumo
Brilhante luz, quando por ti não brilha.
Que faremos, se os Anjos, que em grau summo
Penetram tanta e tanta maravilha,
Repassados d'assombro, a ti se prostram,
E altos arcanos teus acatar mostram?

5.

Dos Orbes a estructura portentosa,
As leis que seguem, e que tu lhes déste,
São prova mui patente e luminosa
Do ineffavel poder que te reveste.
No centro da consciencia clamorosa
O infallivel Oraculo puzeste,
Que quem o escuta não caminha em trevas,
Pois lhe allumias, e a teu Reino o elevas.

6.

Tu dás por socio e por flagello ao Crime
Remorso pertinaz, que, noite e dia,
N'alma as garras lhe embebe, e o rala e opprime,
Faminto abutre na voraz porfia:
Mas quanto aqui transluz amor sublime,
Chamando o delinquente a melhor via,
Onde, em contritas lagrimas desfeito,
Da infanda morte eterna evite o effeito!

7.

Tam sublimada em dotes a Virtude
Creaste, que os leões enfurecidos,
Os tigres de crueza estranha e rude
Sentem-se á vista d'ella commovidos;
E muito pasmam de que assim lhes mude
Não sei que encanto os séstros desabridos;
Mas, ao amavel jugo a cerviz dando,
Adornam-lhe o triumpho memorando.

8.

Assim Esther formosa, auxilio illustre
E gloria singular da Gente Hebrea,
Esther, em pranto que lhe aviva o lustre,
E supplicando, de fervor tam cheia,
Obtem que o arésto barbaro se frustre;
As tôrvas iras d'Assuéro enfreia;
E armada de prudencia e valimento,
Eis que salva Israel do fim cruento.

9.

Tal, desprendendo a voz dulci-sonante
Da cithara que destro dedilhava,
O zagal vencedor do atroz Gigante,
A seu rei os furores acalmava;
E com tanta efficacia o reluctante
'Spirito vexador lhe afugentava,
Que Saúl (só então rei generoso)
D'honras enche ao mancebo portentoso.

10.

Um coração beneficente e puro,
Que justiça e verdade abriga illesas,
Sempre de possuir-te está seguro,
É cá na Terra o templo que mais prézas:
N'elle se baldam, como em bronzeo muro,
Rijos assaltos, infernaes emprêzas;
Nem do globo, aluido de repente,
Lhe infundiria susto a ruina ingente.

11.

Abarcando co'as azas o Universo,
Oh! como a Providencia tua immensa
Tem sôbre quanto vive cá disperso
Os olhos fitos e a piedade intensa!
Eia, reunam-se os entes de diverso
Genero e fórma, o instincto, a alma que pensa,
E gratos solemnizem teus favores
Com vivaz affluencia de louvores!

12.

De ti, Supremo Bem, os bens dimanam;
E de nossas paixões descomedidas
Brotam desastres mil, que o Mundo affanam,
Crueis tormentos, que envenenam vidas:
Não poucas vezes os mortaes profanam
Prendas para bom uso recebidas,
E increpam-te, na audaz insania sua,
Do mal que é d'elles, e não obra tua.

13.

Adão, que do Eden as delicias puras
Gozava, e era feliz na posse d'ellas,
Quebra o preceito; e as sem iguaes venturas
Converte (oh dôr!) em horridas procellas.
Tetros phantasmas, sombras mil impuras
Succedem da Innocencia ás fórmas bellas;
E a Morte, invôlta em sanguinoso manto,
Abre carreira infinda aos ais e ao pranto.

14.

Ora aziagos cometas espantosos
Varrem co'a longa cauda o Firmamento,
Ora o rasgam coriscos pavorosos,
Ora trevas o escondem n'um momento:
Ronca o mar, tufões luctam revoltosos;
Esmera-se em horror cada Elemento;
Já nas fauces que o Inferno abre ligeiro,
Espera vêr cahir-lhe o Globo inteiro!

15.

A mancha original vai pressurosa
Recahir na infeliz posteridade,
Qual semente de planta venenosa,
Que outras produz iguaes em qualidade;
E a negra propensão flagiciosa
Recresce mais e mais d'idade a idade:
Honra, justiça, devoção, virtude,
São ás vezes um véo que muito illude.

16.

Atras discordias, truculentas guerras
Entre a degenerada prole humana
Surgiram, e inundou de sangue as terras
A mais desenfreada raiva insana:
Undosos escarcéos, Alpinas serras
Tudo aplanou temeridade ufana;
Fez valer seus direitos o mais forte,
E a Lisonja o saudou, toda em transporte!

17.

D'est'arte a tua Lei, ó Ser dos seres,
Desattendida foi e abandonada:
O impio menoscabou justos deveres;
Tua mesma existencia foi negada;
Eis, d'entre o lôdo de sensuaes prazeres,
Clama o sophista: « Desfructai; que ao nada
Ireis todos em breve. » — E com affêrro
Vai propagando o seu ardil ou êrro.

18.

Se o pesar, que só cabe em mortaes peitos,
Co'a summa perfeição se coadunára,
Por certo, ao vêr sem termo insania e pleitos,
D'haver formado o homem te pesára:
Ingrato postergando teus preceitos,
Elle do Inferno ao jugo se acurvára;
Mas salvo o queres tu, e já lhe envias
Teu Filho, o salutifero Messias.

19.

Outro tu mesmo, este humanado Verbo,
Este niveo Cordeiro, todo puro,
Desce da gloria immensa ao pranto acerbo,
Ás mil miserias d'este valle impuro.
Bramiu de raiva Satanaz soberbo,
Ao vêr seu vasto imperio mal seguro,
E um Deus, no alto do Golgotha immolado,
Triumphando da Morte e do Peccado.

20.

Oh! prodigio d'amor, que tanto excede
D'humanos corações louvor e aprêço!
Qual redempção á culpa se concede!
Qual sangue a lava d'indizivel preço!
Se quanta temos gratidão não pede
Obra tal, em que todo um Deus conheço,
Quando seremos gratos? ou qual prova
D'acrisolado amor buscamos nova?

21.

Mesmo ao mortal ingrato, ó Deus immenso,
Nunca o perdes de vista; e se abomina
De seus errores o negrume infenso,
Se de véras ser teu quer e destina,
Levanta-se nos Ceos applauso intenso,
E em septuplo a alegria predomina
Nos córos immortaes, que em seus concentos,
Reduplicam harmonicos portentos.

22.

Oh! e quaes eu não devo dons sem conto
Á Providencia tua vigilante!
Cada afflicção, cada revez que affronto
N'esta vida em desastres abundante,
É supremo clarão, aviso prompto,
A fim que d'entre espinhos eu levante
Os tristes olhos meus, minh'alma afflicta
Ás fulgentes mansões da eternal dita.

23.

Lá n'uma d'essas epochas violentas
D'illusão, de furor d'effervescencia,
Em que as paixões campeiam turbulentas,
E as vozes não se escutam da Prudencia;
Quando na Gallia as civicas tormentas,
Mostrando cada dia mais vehemencia,
A Luiz preparavam golpe infido
Que troou no Universo; ah! fui nascido.

24.

Achei-me, quasi ao tempo em que surgia
Do berço, e os passos meus mal governava,
Orphão de pae, ó Deus, que te temia,
Que em virtude e saber se avantajava.
O patrimonio meu de dia em dia,
Sob infausta tutela, desfalcava;
E as desditas que cedo me infestaram,
Pranto para as dos outros me deixaram.

25.

Todavia amparaste a debil planta:
Um respeitavel preceptor me déste,
Que n'alma me gravou tua Lei sancta,
E em quem facundia reluziu celeste:
Elle me expunha qual cegueira e quanta
Seja a do Fanatismo, e como infeste
A pureza do culto que te é grato,
E onde é profanação zêlo insensato.

26.

Antes de lustros quatro, me ligaste
Á mais digna d'amor consorte amada,
Mimo que a meus desejos amoldaste,
Obra d'altas virtudes esmaltada;
Tanto maiores, quanto as temperaste
Com singela modestia recatada:
Tal, se de verdes folhas se rodeia,
Aureo pômo inda mais se afformoseia.

27.

E acaso desfructar longa ventura
É permittido, é util sobre a Terra?
Tu decretaste. — A Morte eis se apressura;
De meus ais em despeito, a fouce afferra;
Fere a victima em fim, victima pura,
Que, quando á luz diurna os olhos cerra,
Me diz, entre um sorriso mavioso:
« Deus o quer... Eu te espero... Adeus, espôso. »

28.

No coração reconcentrou-se o pranto,
Por lei da extrema dôr. Co'a mão tremente
Comprimí esses olhos onde tanto
Aos males a piedade era patente;
E aquella dextra, que em lethal quebranto
Jazia, e que foi minha, e o foi contente,
Beijei inda uma vez com vivo int'resse,
Antes que ao voraz tumulo a cedesse.

29.

Ao tumulo! — Que digo? — A mais sublime
Porção da cara espôsa remanece,
Vive feliz, nem ferreo somno a opprime:
O que mais eu amei, ah! não perece.
Quando dos laços corporaes se exime,
Vôa aquella alma ao Ceo, e resplandece
Dada aos anjos alli por companheira,
E dos eternos bens na posse inteira.

30.

Se, ó Pae piedoso, a teu sabor tranquilla
Vai desdobrando a noite o véo sombrio,
E frôxa luz d'estrellas só scintilla,
E só murmura ao longe o manso rio;
Lá quando o somno enleia e refocilla
Os cansados mortaes, triste eu vigio;
E, correndo co'a vista o Firmamento,
A espôsa julgo vêr, e a escuto attento.

31.

Consoladora e affavel como quando
Mil bençoes a acolhiam n'esta vida,
E agora sobre os astros apoiando
Fórma celestial, de luz cingida,
Ei-la os braços me estende, assim fallando:
« Querido espôso! a dôr mais desabrida,
« A mágoa ahi mais longa é breve instante,
« Se a mente ao infinito ergues constante. »

32.

Disse, e no Empyreo é já. — Sinto a Esperança
Então descer-me pressurosa ao peito,
Onde as cruezas da saudade amansa
Com lenitivo de pasmoso effeito:
Ella me influe vigor, e me affiança
Que antes de muito, em vinculo perfeito,
Será na eterna vida associado
O que n'esta já foi por ti ligado.

33.

Graças, graças, Senhor, eu te endereço
Por tam copioso auxilio que me envias!
Ah! desde agora a supplantar coméço
D'este destêrro as mágoas e agonias;
E, no fervor da gratidão, te peço
Que a luz com que propicio me allumias
Tambem dos outros n'alma permaneça,
E sempre os encaminhe e os fortaleça.

34.

Ante as perfeições tuas confundido,
Genuflexo, humilhado, reverente,
Adoro o gran poder em ti reunido
Co'a sapiencia summa, adoro um Ente
Mais que a expressão e a ideia alto e subido,
De bens, de luzes perennal Oriente,
A cuja vista exultam Ceos e Terra,
E só do Abysmo a escuridão se aterra.

ÚLTIMO ADEUS

Á TERRA NATALICIA.

ÚLTIMO ADEUS

Á TERRA NATALICIA.

Ó Barcellos! villa amavel,
Que de rosas preparaste
O berço onde a infancia minha
Com tanto amor affagaste!

Recebe, recebe agora
Este derradeiro adeus
Do alumno que, de ti longe,
Recorda os desvelos teus.

Veio o Destino arrancar-me,
No verdor da adolescencia,
Ao gremio teu, aos sorrisos
Da tua benevolencia.

Levava n'alma a saudade
Quando de ti me ausentei;
E, para traz inda olhando,
Pezaroso suspirei...

Bem que prazeres ou mágoas
Me coubessem desde então,
Nunca de ti, ó Barcellos,
Desviei meu coração.

Que é feito de varões tantos
A quem dei acatamento,
E te grangearam gloria
Por virtudes ou talento?

Ai! talvez nenhum respira;
Já talvez da Parca infesta
Soffreram todos o golpe,
E só cinza é quanto resta.

Onde está o venerando
Peixoto, que em si reunia
Do sacerdote ás virtudes
A inspiração que as movia?

Que é do facundo Rodrigues,
Jurisconsulto sublime,
Que, o respeito ás Leis mantendo,
Fazia tremer o crime?

Não verei mais o bom Guerra
Nem o Maciel honrado,
Que em musica os mestres foram
Primeiros que tive ao lado?

Não verei mais o ingenhoso,
O infatigavel Pereira,
Que na arte eximia d'Apelles
Me deu a instrucção primeira?

Não mais entrarei no templo
Onde a Imagem de Jesus
Sobre os macerados hombros
Supporta o pêso da cruz?

N'aquelle sacro recinto
Sepultado o avô deixei,
Que me era outro pae no affecto,
E que muito e muito amei.

Juncto ao avô desejava
O neto emfim repousar;
Mas d'impios Fados não posso
Nem sequer isto esperar.

Aqui a voz me fallece...
Adeus, ó terra querida!
Chovam sobre ti sem termo
Os bens que douram a vida!